

Dividida Externa

Se todos esses débitos fossem somados... 16 DEZ 1986

Fala-se muito da dívida externa, comentase o seu agigantamento, o endividamento e os consequentes buracos financeiros das empresas estatais federais, enquanto muito pouco se tem falado do enorme endividamento das estatais estaduais, como as de São Paulo. Por isso chegam a causar espanto os números relativos à dívida das estatais paulistas — mostradas na reportagem do jornalista Pedro Zan, publicada em nossa edição de domingo último. Com efeito, 33 bilhões de dólares — ou 462 bilhões de cruzados — correspondem aproximadamente a um terço de toda a dívida externa brasileira; e este é o volume global da dívida das empresas estatais de São Paulo, incluindo juros, amortizações e encargos, a serem pagos em prazo que ultrapassará o ano 2000.

Entre as cinco principais empresas devedoras de nosso Estado, a Cesp figura, distanciada, em primeiro lugar, devendo Cz\$ 312 bilhões — que correspondem a 67% do total; em seguida vêm a Fepasa, com dívida de Cz\$ 39 bilhões (8,5% do total), a Eletropaulo com Cz\$ 33 bilhões (7%), a Sabesp com Cz\$ 27 bilhões (5,9%) e

a Companhia do Metrô com Cz\$ 26 bilhões (5,6%). Observa-se assim que os setores de energia e transportes de São Paulo são responsáveis por 94% do total da dívida das estatais paulistas.

Há de indagar-se, antes de mais nada: como chegamos, neste Estado, a endividamento tão imenso? Sabemos que a maior parte dessa dívida foi contraída nesta década, em período posterior ao chamado "milagre econômico". Essas empresas, sem recursos, tiveram de recorrer a empréstimos externos e internos para enfrentar o seu crescimento. Não tiveram, em sucessivas administrações, um sistema de tarifas — pela prestação de seus serviços — compatível com seus verdadeiros custos; ou foram descapitalizadas por excessivas despesas de custeio, paralelamente à inflação de seus quadros de pessoal — o eterno problema do empreguismo e do clientelismo eleitoreiro, que é dos vícios mais arraigados da administração direta e indireta deste país, em todos os níveis (federal, estadual e municipal). Em consequência disso, só poderiam crescer — ou agigantar-se — "jogando no futuro", vale

dizer, endividando-se no mais elevado grau.

A segunda indagação que ocorre é esta: teria sido realmente necessário que o Estado absorvesse todos os setores de atividades e serviços cobertos por essas empresas, ou muitos deles não poderiam ter sido deixados ou devolvidos para a iniciativa privada, que os teria desenvolvido com maior eficiência e produtividade, compatibilizando seus custos reais com as cobranças tarifárias — e acima de tudo isentando-se do inflacionamento empreguista provocado pelos usufrutos políticos? Se assim fosse, estes setores não poderiam ter se expandido com maior grau de racionalidade, jogando na capitalização presente e não no endividamento futuro?

A terceira indagação que inspira o tema é simplesmente esta: como o Estado de São Paulo poderá pagar tal imensa dívida? De nada adianta dizer que os credores internacionais são "co-responsáveis" por empréstimos "inúteis" contraídos pelas estatais paulistas — como afirmou o secretário dos Transportes. Que houve desperdícios chocantes, tais como os

150 trens-unidades para o projeto de modernização da Fepasa, comprados da França, que chegaram muito antes de os trilhos serem implantados — permanecendo "estocados" sem utilidade e deteriorando-se até 40 deles serem vendidos à Rede Ferroviária Federal —, ou o custo de seis milhões de dólares por quilômetro da Rodovia dos Trabalhadores (o dobro do que custara a dos Bandeirantes), ninguém duvida. Mas a partir daí invocar o argumento da "ilegitimidade" para deixar de pagar a dívida contraída é pueril — tanto para o caso das estatais paulistas quanto para a dívida externa brasileira, em geral.

A matéria a que nos referimos trata exclusivamente das empresas estatais de São Paulo. E quanto àquelas dos outros Estados? E quanto às dívidas acumuladas das empresas municipais?

Se todos estes débitos fossem rigorosamente somados, é possível que a sociedade brasileira, num sobressalto, chegassem a julgar que a tão famosa "maior dívida externa do mundo" (isto é, a nossa mesma) pode ser café pequeno...